



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Fevereiro / Março - 2011

JESUS SERVO SOFREDOR MAS VENCEDOR

JESUS, O HOMEM DAS DORES

Varão das dores e experimentado nas enfermidades" (Is 53,3). Assim o profeta Isaías descreve nosso Redentor. Salviano, considerando os padecimentos de Jesus Cristo, escreve: "Ó amor, não sei como hei de chamar-te, se doce, se cruel, pois parece ser ambas as coisas". Ó amor de meu Jesus, não sei como hei de apelar-te: mui doce vos mostrastes para conosco, ó Jesus, amando-nos tanto depois de tantas ingratidões, e mui cruel para convosco mesmo, sobrecarregando-vos com uma vida cheia de dores e uma morte amarga para pagar os nossos pecados. S. Tomas escreve que Jesus para salvar-nos do inferno *se submeteu à dor em grau máximo, ao vitupério em grau supremo*. Bastaria que ele sofresse qualquer dor para satisfazer por nós a justiça divina; quis, porém, sofrer as injúrias mais vis e as dores mais agudas para nos fazer compreender a malícia de nossas culpas e o amor que nutria por nós em seu coração.

Dor em sumo grau: para assim poder sofrer, foi-Ihe dado um corpo especial (Hb 10,5). Deus fez o corpo de Jesus Cristo propositalmente para o sofrimento e por isso criou-Ihe uma carne sumamente sensível e delicada; sensível, porque sentia mais vivamente as dores; e delicada, porque era tão tenra, que qualquer golpe Ihe causava um ferimento: em suma, era seu corpo sacrossanto um corpo feito de propósito para padecer. Todas as dores que sofreu Jesus Cristo até expirar estavam-Ihe presentes desde o primeiro instante de sua encarnação: ele as viu todas e de boa vontade de Deus que o queria sacrificado por nossa salvação. *"Então ele disse: Eis que eu venho, ó Deus, para fazer a Vossa vontade"* (Hb 10,9). Eis-me aqui, ó meu Deus, eu me ofereço para tudo. E foi essa oferta que nos obteve a divina graça, segundo o Apóstolo: *"Por essa vontade e que temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez"* (Hb 10,16). O que, porém, vos levou a sacrificar, o meu Salvador, a vossa vida no meio de tantas dores por nossa salvação? S. Paulo responde: a isso o induziu o afeto que nos tinha: *"Ele nos amou e se entregou a si mesmo por nós"* (Ef 5,2). Entregou-se: o amor o induz a entregar seu corpo aos flagelos, sua cabeça aos

espinhos, sua face aos escarros e bofetadas, suas mãos e pés aos cravos e sua vida à morte. Quem quiser ver um homem de dores, contemple Jesus Cristo na cruz. Ei-Lo aí, suspenso por esses três cravos, estando seu corpo com todo o peso pendente das chagas das mãos e dos pés atravessados; cada membro seu sofre sua dor própria e sem alívio. As três horas que Jesus passou na cruz são chamadas com razão as três horas de agonia do Salvador; pois, durante essas três horas, ele sofreu uma agonia contínua e uma dor que Ihe arrancava aos poucos a vida, chegando finalmente a morrer de pura dor.

Que alma poderá ver-vos morto na cruz por ela, ó meu

Jesus, e viver sem vos amar? E como pude eu viver tantos anos esquecido de vós, causando tantos desgostos a um Deus que tanto me amou? Oh! tivesse eu antes morrido e nunca vos tivesse ofendido! Ó amor de minha alma, ó meu Redentor, pudesse eu morrer por vós que morrestes por mim! Eu vos amo, ó meu Jesus, e não quero amar a mais ninguém senão a vós.

JESUS, TRATADO COMO ÚLTIMO DOS HOMENS

"Nós vimos ... desprezado e como o último dos homens, como o homem das dores" (Is 53,2). Foi uma vez vista na terra este grande portento: o Filho de Deus, o rei do céu, o senhor do universo, desprezado como o mais vi de todos os homens. Diz S. Anselmo que Jesus Cristo na terra quis ser tão desprezado e humilhado que os desprezos e as humilhações que ele recebeu não podiam ser maiores. Ele foi tratado como desprezível: *"Não é este o filho do carpinteiro?"* (Mt 13,55); foi

postergado por sua origem: *"De Nazaré pode vir alguma coisa boa?"* (Jo 1,46); foi tido por louco: *"Tem demônio e perdeu o juízo; porque o estais ouvindo?"* (Jo 10,20); foi considerado como um glutão e amigo do vinho: *"Eis um homem comilão e...que bebe vinho"* (Lc 7,34); foi julgado feiticeiro: *"É em nome do príncipe dos demônios que ele expele os demônios"* (Mt 9,34); passou por herético: *"Não dissemos com toda a razão que és um samaritano?"* (Jo 8,48).

E na sua paixão foram-Ihe feitos as maiores impropérios. Nessa ocasião foi tratado como blasfemo. Quando ele declarou que era a Filho de Deus, disse Caifás aos outros sacerdotes: *"Eis, ouvistes agora mesmo a*



blasfêmia; que vos parece? e eles em resposta disseram: é reu de morte" (Mt 25,67). Em seguida começaram a cuspir-lhe no rosto e outros o feriam com socos e bofetadas (Mt 26,67). Cumpriu-se então a profecia de Isaías: "Eu entreguei meu corpo aos que me feriam e as minhas faces aos que me arrancavam os cabelos da barba; não virei a face aos que me afrontavam e cuspiam em mim" (Is 50,6). Foi tratado como profeta falso: "Adivinha, ó Cristo, quem lhe bateu" (Mt 26,68). No meio de tantos ultrajes que nosso Salvador sofreu naquela noite, aumentou-lhe o sofrimento a injúria que lhe fez Pedro, seu discípulo, renegando-o três vezes e jurando nunca o ter conhecido.

Vamos, almas devotas, procurar o Senhor naquele cárcere onde está abandonado por todos e em companhia de seus inimigos, que porfiam em maltratá-lo. Agradecemos-lhe tudo o que sofre por nós com tanta paciência e consolemo-lo com o arrependimento das injúrias que lhe fizemos, visto que também nós pelo passado os desprezamos e, pecando, protestamos não o conhecer.

Ah, meu amável Redentor, desejava morrer de dor ao pensar que tanto amargurei o vosso coração, que tanto me amou. Esquecei-vos de tantos desgostos que vos dei, e dirigime um olhar amoroso, como fizestes com Pedro, depois de vos haver negado, o que o fez chorar toda a sua vida o pecado cometido.

Ó grande Filho de Deus, o amor infinito, que padeceis por esses mesmos homens que vos odeiam e maltratam, vós que sois adorado pelos anjos, que sois uma majestade infinita, faríeis uma grande honra aos homens, permitindo-lhes que vos beijassem os pés, como então consentistes em vos tornar naquela noite o escárnio daquela canalha? Meu Jesus desprezado, fazei que eu seja também desprezado por vosso amor. Como poderei recusar os desprezos, vendo que vós, meu Deus, os suportastes por meu amor? Ah, meu Jesus crucificado, fazei-vos conhecer e fazei-vos amar.

Causa tristeza ver o desprezo que os homens mostram para com a paixão de Jesus Cristo! Mesmo entre os cristãos, quantos são os que pensam nas dores e infâmias que esse divino Redentor suportou por nós? Somente nos últimos dias da semana santa, quando a Igreja com o plangente canto dos salmos, com a denudação dos altares, com as trevas e o silêncio dos sinos nos recorda a morte de Jesus Cristo, somente então, digo, nos lembramos da passagem de sua paixão e depois no resto do ano não pensamos mais nisso, como se a paixão de Jesus fosse uma fábula ou como se tivesse morrido por outros e não por nós. Ó Deus, quão grande será a pena dos condenados no inferno, vendo quanto padeceu um Deus para salvá-los e eles preferiram perder-se! Ó meu Jesus, não permitais que eu seja do número desses infelizes! Não o serei, porque não quero

deixar de pensar no amor que me testemunhastes sofrendo tantas penas e ultrajes por mim. Ajudai-me a amar-vos e recordai-me sempre do amor que me consagrastes.

VIDA DESOLADA DE JESUS CRISTO

A vida de nosso amante Redentor foi toda desolada e privada de todo o conforto. Sua vida foi aquele grande mar inteiramente amargo sem nenhuma gota de doçura ou consolação: "*Grande como o mar é a tua dor*" (Lm 2,13). O Senhor revelou um dia a S. Margarida de Cortona que durante sua vida inteira não experimentou uma só consolação sensível.

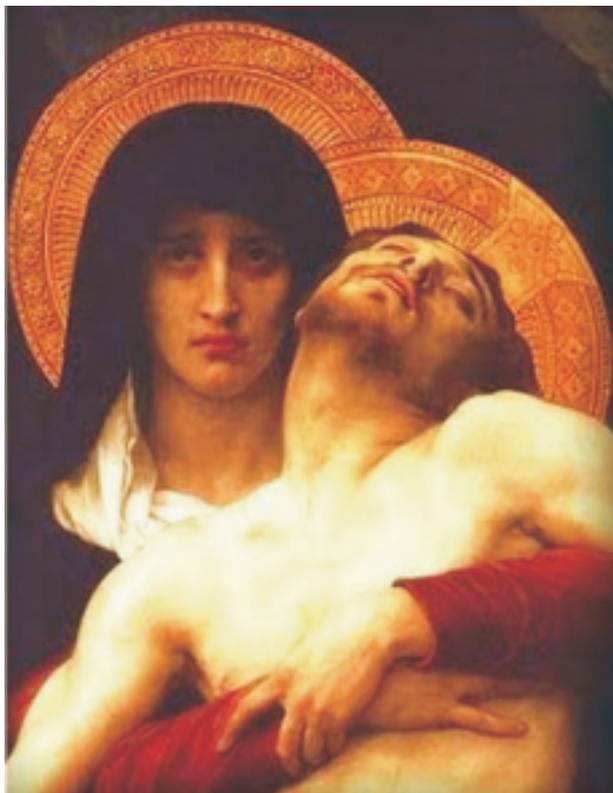
A tristeza que ele experimentou no jardim de Getsêmani era tão grande, que bastaria para tirar-lhe a vida, e essa tristeza ele não a sofreu só, então, mas o afligiu sempre desde o primeiro instante de sua encarnação, pois todas as penas e ultrajes que ele deveria suportar até a morte lhe estavam sempre presentes. Mas não foi tanto essa vista

quanto a de todos os pecados que os homens cometeriam depois de sua morte que o afligiu sumamente durante sua vida inteira. Ele viera por meio de sua morte a tirar os pecados do mundo e a resgatar as almas do inferno; mas via que, apesar de sua morte, todas as iniquidades possíveis seriam cometidas na terra, das quais cada uma, vista distintamente por ele, o afligia imensamente, como escreve S. Bernardino de Sena: "Ele viu em particular cada uma das culpas". E foi essa a dor que ele tinha sempre diante dos olhos e sempre o afligia: "*Minha dor está sempre na minha presença*" (Sl 37,18). S. Tomas diz que a vista dos pecados dos homens e da

ruína de tantas almas que se haviam de perder foi para Jesus Cristo um tormento tão grande que sobrepujou as dores de todos os penitentes, mesmo daqueles que morreram de pura dor. Os mártires sofreram grandes dores, cavaletes, unhas de ferro, couraças ardentes, mas suas dores eram sempre mitigadas por Deus com doçuras internas. Entre tantos martírios não houve um so tão penoso como o de Jesus Cristo, já que sua dor e sua tristeza foram pura dor e pura tristeza, sem mistura de consolação: "*A grandeza da dor de Cristo se aprecia da inteireza da dor e da tristeza*" (3 p. q. 46 a. 6). Tal foi a vida de nosso Redentor e tal foi a sua morte, inteiramente desolada. Ao morrer na cruz, privado de todo o alívio, procurava alguém que o consolasse, mas não encontrou: "*Busquei alguém que me consolasse e não o encontrei*" (Sl 68,21). Não encontrou então senão escarnecedores e blasfemadores que lhe diziam: "*Se és o Filho de Deus, desce da cruz. Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo*" (Mt 27,40 e 42). E assim o aflito Jesus, achando-se abandonado de todos, se voltou para seu



eterno Pai; vendo, porém, que até seu Pai o havia abandonado, deu um grande grito e exclamou num lamento supremo: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?" (Mt 27,46). E assim terminou a vida nosso Salvador, morrendo como ele predisse por Davi, submergido numa tempestade de infâmias e de dores: "*Eu cheguei ao alta mar e a tempestade me submergiu*" (SI 68,3). quando nos sentirmos desolados, consolem-nos com a morte desolada de Jesus Cristo; ofereçamos-lhe então a nossa desolação, unindo-a com a que ele inocentemente sofreu no Calvário por nosso amor.



Ah, meu Jesus, quem não vos amará, vendo-vos morrer assim desolado e consumido de dores para pagar os nossos pecados? E eu sou um dos carrascos, que tanto vos afligi durante toda a vossa vida com a vista de meus pecados. Mas já que me chamastes à penitência, concedei-me ao menos que eu participe daquela dor que sentistes das minhas culpas durante a vossa paixão. Como posso procurar prazeres, eu que tanto vos afligi com os pecados de minha vida? Não, eu não vos peço prazeres e delícias, eu vos suplico lágrimas e dor: fazei que eu viva o resto de minha vida chorando sempre os desgostos que vos dei. Abraço vossos sagrados pés, ó meu Jesus crucificado e desolado, e assim eu quero morrer. Ó Maria, Mãe das dores, rogai a Jesus por mim.

VIA SACRA

A Via Sacra não é um exercício triste. Mons. Escrivá ensinou muitas vezes que a alegria cristã tem as suas raízes em forma de cruz. Se a Paixão de Cristo é caminho de dor, e também a rota da esperança e da vitória certa. Assim o explicava numa de suas homilias: «Pensa que Deus te quer contente e que, se tu fazes da tua parte o que podes, serás feliz, muito feliz, felicíssimo, ainda que em momento nenhum te falte a Cruz. Porém, esta Cruz já não é um patíbulo, mas o trono do qual

reina Cristo. E a seu lado encontrará Maria, sua Mãe, Mãe nossa também. A Virgem Santa te alcançará a fortaleza de que necessitas para caminhar com decisão, seguindo os passos do seu Filho»".

PRIMEIRA ESTAÇÃO JESUS É CONDENADO À MORTE

Passa das dez da manhã. O processo está chegando ao fim. Não houve provas concludentes. O juiz sabe que os seus inimigos O entregaram por inveja, e tenta um expediente absurdo: a escolha entre Barrabás, um malfeitor acusado de roubo com homicídio, e Jesus, que se diz o Cristo. O povo escolhe Barrabás. Pilatos exclama:

- Que hei de fazer, pois, de Jesus? (Mt XXVII, 22).

Respondem todos: - Crucifica-o!

O juiz insiste: - Mas que mal fez ele?

E de novo respondem, aos gritos: - Crucifica-o!

Crucifica-o!

Assusta-se Pilatos ante o tumulto crescente. Manda trazer água e lava as mãos a vista do povo, enquanto diz:

- Sou inocente do sangue deste justo; é la convosco (Mt XXVII, 24).

E depois de ter mandado açoitar Jesus, entrega-O para que O crucifiquem.

Fez-se silêncio naquelas gargantas embravecidas. Como se Deus já estivesse derrotado.

Jesus está só. Vão longe os dias em que a palavra do Homem-Deus punha luz e esperança nos corações, longas procissões de doentes que eram curados, os clamores triunfais de Jerusalém à chegada do Senhor, montado num manso jumentinho. Se os homens tivessem querido dar outro curso ao amor de Deus! Se tu e eu tivéssemos conhecido o dia do Senhor!

SEGUNDA ESTAÇÃO JESUS CARREGA A CRUZ

Fora da cidade, a noroeste de Jerusalém, há uma pequena colina. Chama-se Gólgota em arameu; em latim, *locus Calvariae*: lugar das Caveiras ou Calvário.

Jesus entrega-se inerte a execução da sentença.

Não lhe hão de poupar nada, e sobre os seus ombros cai o peso da cruz infamante. Mas a Cruz será, por obra do amor, o trono da sua realeza.

O povo de Jerusalém e os forasteiros vindos para a páscoa acotovelam-se pelas ruas da cidade, para ver passar Jesus Nazareno, o Rei dos judeus. Há um tumulto de vozes; e, de tempos a tempos, curtos silêncios, talvez quando Cristo fixa os olhos neste ou naquele:

- *Se alguém quiser vir após mim, tome a sua cruz de cada dia e siga-me* (Mt XVI, 24).

Com que amor se abraça Jesus ao lenho que Lhe há' de dar a morte.

Não é verdade que, mal deixas de ter medo à Cruz, a isso que a gente chama de cruz, quando pões a tua vontade em aceitar a Vontade divina, és feliz, e passamos todas as preocupações, os sofrimentos físicos ou morais?

É verdadeiramente suave e amável a Cruz de Jesus. Não contam aí as penas; só a alegria de nos sabermos corredores com Ele.

TERCEIRA ESTAÇÃO JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ

A cruz fende, desfaz com o seu peso os ombros do Senhor.

A turba-multa foi-se agigantando. Os legionários mal podem conter a multidão encrespada e enfurecida que,

como rio fora do leito, aflui pelas vielas de Jerusalém.

O corpo extenuado de Jesus cambaleia já sob a Cruz enorme. Do seu Coração amorosíssimo mal chega um alento de vida aos membros chagados.

A direita e a esquerda, o Senhor vê essa multidão que anda como rebanho sem pastor. Poderia chamá-los um por um, pelos seus nomes, pelos nossos nomes. Ali estão os que se alimentaram na multiplicação dos pães e dos peixes, os que foram curados de suas doenças, os que Ele ensinou, junto do lago e na montanha e nos pórticos do Templo. Uma dor aguda penetra na alma de Jesus, e o Senhor desaba extenuado.

Tu e eu não podemos dizer nada: agora já sabemos por que pesa tanto a Cruz de Jesus. E choramos as nossas misérias e também a tremenda ingratidão do coração humano. Nasce do fundo da alma um ato de contrição verdadeira, que nos tira da prostração do pecado. Jesus caiu para que nós nos levantássemos: uma vez e sempre.

QUARTAESTAÇÃO

JESUS ENCONTRA MARIA, SUAMÃE SANTÍSSIMA

Acabava Jesus de se levantar da primeira queda, quando encontra sua Mãe Santíssima, junto do caminho por onde Ele passa.

Com imenso amor, Maria olha para Jesus, e Jesus olha para a sua Mãe; os olhos de ambos se encontram, cada Coração derrama no outro a sua própria dor. A alma de Maria fica submersa em amargura, na amargura de Jesus Cristo.

Ó vós que passais pelo caminho, olhai e vede se há dor comparável a minha dor! (Lam 1, 12).

Mas ninguém percebe, ninguém repara; só Jesus. Cumpriu-se a profecia de Simeão: Uma espada trespassará a tua alma (Lc II, 35).

Na obscura soledade da Paixão, Nossa Senhora oferece a seu Filho um bálsamo de ternura, de união, de fidelidade; um sim a Vontade divina.

Levados pela mão de Maria, tu e eu queremos também consolar Jesus, aceitando sempre e em tudo a Vontade de seu Pai, do nosso Pai.

Só assim experimentaremos a doçura da Cruz de Cristo, e a abraçaremos com a força do Amor, levando-a em triunfo por todos os caminhos da terra.

QUINTAESTAÇÃO

SIMÃO AJUDA JESUS A CARREGAR A CRUZ

Jesus está extenuado. Seus passos tornam-se mais e mais tropeços, e a soldadesca tem pressa em acabar. De modo que, quando saem da cidade pela porta Judiciária, requisitaram um homem que vinha de uma granja, chamado Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo, e o forçaram a levar a cruz de Jesus (cfr. Mc XV, 21).

No conjunto da Paixão, é bem pouco o que representa essa ajuda. Mas a Jesus basta um sorriso, uma palavra, um gesto, um pouco de amor para derramar copiosamente a sua graça sobre a alma do amigo. Anos mais tarde, os filhos de Simão, já cristãos, serão conhecidos e estimados entre os seus irmãos na fé. Tudo começou por um encontro inopinado com a Cruz.

Apresentei-me aos que não perguntavam por mim, (fecharam-me os que não me procuravam (Is LXV, I).

Às vezes, a Cruz aparece sem a procurarmos: é Cristo que pergunta por nós. E se por acaso, perante essa Cruz inesperada, e talvez por isso mais escura o coração manifesta repugnância... , não lhe dê consolos. E, cheio de uma nobre compaixão, quando os pedir, segreda-lhe devagar, como em confidência: "Coração: coração na Cruz, coração na Cruz!"

SEXTAESTAÇÃO

UMA PIEDOSA MULHER ENXUGA O ROSTO DE JESUS

Não há Nele parecer nem formosura que atraia os olhares, não há beleza alguma que agrade. Desprezado, qual escória da humanidade, um homem de dores, experimentado em todos os sofrimentos, diante de quem se vira o rosto, foi menosprezado e tido em nuda (Is LIII, 2-3).

E é o Filho de Deus que passa, louco ... , louco de amor!

Uma mulher, de nome Verônica, abre caminho por entre a multidão, levando um véu branco dobrado, com o qual limpa piedosamente o rosto de Jesus. O Senhor deixa gravada a sua Santa Face nas três partes do seu véu.

O rosto bem-amado de Jesus, que sorrira às crianças e se transfigurara de glória no Tabor, está agora como que oculto pela dor. Mas essa dor é a nossa purificação; esse suor e esse sangue que embaçam e esfumam as suas feições, a nossa limpeza.

Senhor, que eu me decida a arrancar, mediante a penitência, a triste máscara que forjei com as minhas misérias... Então, só então, pelo caminho da contemplação e da expiação, a minha vida irá copiando fielmente os traços da tua vida. Ir-nos-emos parecendo mais e mais contigo.

Seremos outros Cristos, o próprio Cristo, *ipse Christus*.

SÉTIMAESTAÇÃO

JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ

Já fora da muralha, o corpo de Jesus volta a abater-se por causa da fraqueza, e cai pela segunda vez, entre a gritaria da multidão e os empurrões dos soldados.

A debilidade do corpo e a amargura da alma fizeram com que Jesus caísse de novo. Todos os pecados dos homens - os meus também - pesam sobre a sua humanidade Santíssima.

Foi ele que tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas dores; e nós o reputávamos como um leproso, ferido por Deus e humilhado. Mas por nossas iniquidades é que foi ferido, por nossos pecados é que foi torturado. O castigo que nos havia de trazer a paz caiu sobre ele, e por suas chagas fomos curados (Is LIII, 4-5).

Jesus desfalece, mas a sua queda nos levanta, a sua morte nos ressuscita.

A nossa reincidência no mal, responde Jesus com a sua insistência em redimir-nos, com abundância de perdão. E, para que ninguém desespere, torna a erguer-se, faticosamente abraçado a Cruz.

Que os tropeços e as derrotas já não nos afastem mais dEle. Como a criança débil se lança compungida nos braços vigorosos de seu pai, tu e eu nos arrimaremos ao jugo de Jesus. Só essa contrição e essa humildade transformarão a nossa fraqueza humana em fortaleza divina.

OITAVAESTAÇÃO

JESUS CONSOLA AS FILHAS DE JERUSALÉM

Entre a multidão que contempla a passagem do Senhor, há algumas mulheres que não podem conter a sua compaixão e prorrompem em lágrimas, recordando talvez aquelas jornadas gloriosas de Jesus Cristo, quando todos exclamavam maravilhados: *Bene omnia fecit* (Mc VII, 37), fez tudo bem feito.

Mas o Senhor quer dirigir esse pranto para um motivo mais sobrenatural, e as convida a chorar pelos pecados, que são a causa da Paixão e que hão de atrair o rigor da justiça divina:

- Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, mas chorai por vós e pelos vossos filhos ... Porque, se assim se

trata o lenho verde, que se fará com o seco? (Lc XXIII, 28.31).

Os teus pecados, os meus, os de todos os homens, põem-se em pé. Todo o mal que fizemos e o bem que deixamos de fazer. O panorama desolador dos delitos e infâmias sem conta, que teríamos cometido se Ele, Jesus, não nos tivesse confortado com a luz do seu olhar amabilíssimo. Que pouco é uma vida para reparar tudo isso!

NONA ESTAÇÃO JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ

O Senhor cai pela terceira vez, na ladeira do Calvário, quando faltam apenas quarenta ou cinquenta passos para chegar ao cimo. Jesus não se tem em pé: faltam-Lhe as forças e, esgotado, jaz por terra.

Entregou-se porque quis; maltratado, não abriu a boca, qual cordeiro levado ao matadouro, qual ovelha muda ante os tosquiadores (Is LIII, 7).

Todos contra Ele ... , os da cidade e os forasteiros, e os fariseus e os soldados e os príncipes dos sacerdotes ... Todo o verdugos. Sua Mãe - minha Mãe -, Maria, chora.

Jesus cumpre a vontade de seu Pai! Pobre: nu. Generoso: o que lhe falta entregar? Dilexit me, et tradidit semetipsum pro me (Gal II, 20), amou-me e entregou-se até a morte por mim.

Meu Deus! Que eu odeie o pecado e me una a Ti; abraçando-me à Santa Cruz para cumprir por minha vez a tua Vontade amabilíssima ... , nu de todo afeto terreno, sem outras miras que a tua glória ... , generosamente, sem reservar nada para mim, oferecendo-me contigo em perfeito holocausto.

DÉCIMA ESTAÇÃO JESUS É DESPOJADO DE SUAS VESTES

Quando o Senhor chega ao Calvário, dão-Lhe a beber um pouco de vinho misturado com fel, como um narcótico que diminuía em parte a dor da crucificação. Mas Jesus, tendo-o provado para agradecer esse piedoso serviço, não quis bebê-lo (cfr. Mt XXVII, 34). Entrega-se até morte com a plena liberdade do Amor.

Depois, os soldados despojam Cristo de suas vestes. Desde a planta dos pés até o alto da cabeça, não há nele nada são; tudo é uma ferida, inchaços, chagas podres, nem tratadas, nem vendadas, nem suavizadas com óleo (Is I, 6).

Os verdugos tomam as suas vestes e as dividem em quatro partes. Mas a túnica não tem costura, e por isso dizem: - Não a dividamos, mas lancemos sortes para ver de quem será (Jo XIX, 24).

Desse modo voltou a cumprir-se a Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes e lançaram sortes sobre a minha túnica (Sl XXI, 19).

E o espólio, o despojamento, e a pobreza mais absoluta. Nada restou ao Senhor, a não ser um madeiro.

Para chegar a Deus, Cristo é o caminho. Mas Cristo está na Cruz; e, para subir a Cruz, é preciso ter o coração livre, desprendido das coisas da terra.

DÉCIMA PRIMEIRA ESTAÇÃO JESUS É PREGADO NA CRUZ

Agora crucificam o Senhor, e junto dEle dois ladrões, um a direita e outro a esquerda. Enquanto isso, Jesus diz:

- Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem (Lc XXIII, 34).

Foi o Amor que levou Jesus ao Calvário. E já na Cruz, todos os seus gestos e todas as suas palavras são de amor, de amor sereno e forte.

Em atitude de Sacerdote Etemo, sem pai nem mãe, sem genealogia (cfr. Heb VII, 3), abre os braços à humanidade inteira.

Juntamente com as marteladas que pregam Jesus, ressoam as palavras proféticas da Escritura Santa:

Trespasaram as minhas mãos e os meus pés. Posso contar todos os meus ossos, e eles me olham e me contemplam (Sl XXI, 17-18).

- Ó meu povo! Que te fiz eu, em que te contristei?

Responde-me! (Miq VI, 3).

E nós, despedaçada de dar a alma, dizemos sinceramente a Jesus: - Sou teu, e entrego-me a Ti, e prego-me na Cruz de bom grado, sendo nas encruzilhadas do mundo uma alma que se entregou a Ti, a tua glória, a Redenção, a condenação da humanidade inteira.

DÉCIMA SEGUNDA ESTAÇÃO JESUS MORRE NA CRUZ



Na parte alta da Cruz está escrita a causa da condenação: Jesus Nazareno, Rei dos judeus (Jo XIX, 19). E todos os que passam por ali O injuriam e fazem troça dEle.

- Se és o rei de Israel, que desça agora da cruz (Mt XXVII, 42).

Um dos ladrões sai em sua defesa:

- Este não fez mal algum ... (Lc XXIII, 41).

Depois dirige a Jesus um pedido humilde, cheio de fé:

- Senhor, lembra-te de mim quando estiveres no teu reino (Lc XXIII, 42).

- Em verdade te digo que hoje mesmo estarás comigo no Paraíso (Lc XXIII, 43).

Junto a Cruz está sua Mãe, Maria, com outras santas mulheres. Jesus olha para Ela, e depois olha para o discípulo a quem ama, e diz a sua Mãe:

- Mulher, aí tens o teu filho ..

Depois diz ao discípulo:

- Aí tens a tua mãe (Jo XIX, 26-27).

Apagam-se as luminárias do céu, e a terra fica sumida em trevas. São perto das três, quando Jesus exclama:

- Eli, Eli, lamma sabachtani? Isto é: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? (Mt XXVII, 46).

Depois, sabendo que todas as coisas estão prestes a ser consumadas, para que se cumpra a Escritura, diz: - Tenho

sede (10 XIX, 28). Os soldados embebem em vinagre uma esponja e, pondo-a numa haste de hissopo, aproximam-Lha da boca. Jesus sorve o vinagre e exclama:

- Tudo está consumado (Jo XIX, 30).

Rasga-se o véu do Templo e a terra treme, quando o Senhor clama em voz forte:

- Pai, em tuas mãos encomendo o meu espírito (Lc XXIII, 46).

E expira.

Ama o sacrifício, que é fonte de vida interior. Ama a Cruz, que é altar do sacrifício. Ama a dor, até beberes, como Cristo, o cálice até a última gota.

DÉCIMA TERCEIRA ESTAÇÃO

JESUS É DESPREGADO DA CRUZ E ENTREGUE À SUA MAE

Submersa em dor, Maria está junto à Cruz. E João com Ela. Mas faz-se tarde, e os judeus insistem em que tirem o Senhor dali.

Depois de ter obtido de Pilatos a autorização que a lei romana exige para sepultar os condenados, chega ao Calvário um senador chamado José, homem virtuoso e justo, oriundo de Arimatéia, que não tinha concordado com a decisão dos outros nem com os seus atos, antes era dos que esperavam o reino de Deus (Lc XXIII, 50-51).

Acompanha-o Nicodemos - o mesmo que em outra ocasião fora de noite ter com Jesus -, trazendo cerca de cem libras de uma mistura de mirra e aloés (Jo XIX, 39).

Não eram conhecidos publicamente como discípulos do Mestre; não tinham presenciado os grandes milagres nem O tinham acompanhado na sua entrada triunfal em Jerusalém.

Agora que o momento é mau e os outros fugiram, não tem medo de expor-se pelo seu Senhor.

Tomam ambos o corpo de Jesus e o deixam nos braços de sua Santíssima Mãe. Renova-se a dor de Maria.

- Para onde foi o teu Amado, ó mais bela das mulheres? Para onde foi aquele a quem amas? e nós O buscaremos contigo (Cant V, 17).

A Virgem Santíssima é nossa Mãe e não queremos nem podemos deixá-La só.

DÉCIMA QUARTA ESTAÇÃO

O CORPO DE JESUS É SEPULTADO

Muito perto do Calvário, num horto, José de Arimatéia tinha mandado talhar para si um sepulcro novo, na rocha. E, por ser véspera da grande Páscoa dos judeus, é lá que põem Jesus. Depois, José rolou uma grande pedra a entrada do sepulcro e retirou-se (Mt XXVII, 60).

Jesus veio ao mundo sem nada, e sem nada - nem mesmo o lugar onde repousa - foi-se-nos embora.

A Mãe do Senhor - minha Mãe - e as mulheres que tinham seguido o Mestre desde a Galiléia, depois de observarem tudo atentamente, vão-se embora também. Cai a noite.

Agora tudo passou. Concluiu-se a obra da nossa Redenção. Já somos filhos de Deus, porque Jesus morreu por nós e a sua morte nos resgatou.

Empti enim estis pretio magno! (I Cor VI, 20), tu e eu fomos comprados por um grande preço.

Temos de converter em vida nossa a vida e a morte de Cristo. Morrer pela mortificação e pela penitência, para que Cristo viva em nós pelo Amor. E seguir então os passos de Cristo com ânsias de corredimir todas as almas.

Dar a vida pelos outros. Só assim se vive a vida de Jesus Cristo e nós fazemos uma só coisa com Ele.

AFRONTAS PÚBLICAS QUE JESUS SOFREU NA SUA PAIXÃO

As maiores afrontas públicas que Jesus sofreu foram as que suportou na sua morte. Primeiramente sofreu a ignomínia de ver-se abandonado por seus amados discípulos, dos quais um o traiu, outro o renegou, e todos eles fugiram e abandonaram Jesus, quando ele foi preso (Mc 14,50). Depois, foi apresentado a Pilatos como um malfeitor que merecia ser crucificado (Jo 18,30). Em seguida, foi por Herodes escarnecido como louco e revestido de uma túnica branca (Lc 23, 11). Barrabás foi-lhe preferido, o ladrão homicida, tendo Pilatos cedido aos gritos dos judeus (Jo 18,40). Foi flagelado como escravo, pois esse castigo era reservado aos escravos (Jo 19,1). Foi escarnecido como rei de burla, depois de haverem-no coroado de espinhos por zombaria e saudado como rei, cuspidno-lhe no rosto (Mt 27,29). Finalmente, foi condenado a morrer no meio de dois celerados, como Isaías já o dissera (Is 53,12). Expirando na cruz, sujeitou-se à morte mais humilhante, a qual só os malfeitores eram condenados naqueles tempos, e por isso entre os judeus era tido por amaldiçoado por Deus e pelos homens o que morria crucificado (Dt 21,23). Assim escreve o Apóstolo: "Foi feito por nós maldição, porque está escrito:

Amaldiçoado é todo aquele que é suspenso no lenho"(Gl 3, 13). São Paulo diz que nosso Redentor, renunciando a uma vida esplêndida e deliciosa que podia gozar nesta terra, preferiu levar uma vida cheia de tribulações e sofrer uma morte repleta de perversidades: "Jesus, tendo diante de si o gozo, sustentou a cruz, desprezando a ignomínia" (Hb 12,2). Dessa forma verificou-se em Jesus Cristo a profecia de Jeremias de que havia de viver e morrer saciado de opróbrios: "Dará suas faces ao que o ferir, será satisado de opróbrios"(Lm 3,30). Ao que exclama S. Bernardo: "Ó último e primeiro, ó opróbrios dos homens e glória dos anjos! O mais alto de todos e feito o infimo de todos": E conclui que tudo isso é obra do amor que Jesus Cristo nos tem: "Ó força do amor! Quem fez isso? O amor!"

Ó meu Jesus, salvai-me, não permitais que eu, depois de ter sido remido por vós com tantas dores e tanto amor, me condene e vá para o inferno a odiar-vos e amaldiçoar o amor que me demonstrastes. Muitas vezes eu mereci esse inferno, já que vós não podeis fazer mais do que fizestes para obrigar-me a amar-vos e eu não podia fazer mais do que fiz para obrigar-vos e castigar-se.

Mas, visto que me esperastes por bondade e ainda continuais a convidar-me a vos amar, eu quero amar-vos e quero amar-vos com todo o meu coração e sem reserva. Dai-me a graça de o fazer. E vós, ó Maria, Mãe de Deus, socorrei-me com as vossas súplicas.

JESUS NA CRUZ

Jesus na cruz! Que espetáculo para os anjos do paraíso, ver um Deus crucificado. E que impressão nos deve causar o rei do céu pendente de um patíbulo, coberto de chagas, desprezado e amaldiçoado por todos, agonizando e morrendo de dores sem nenhum alívio.

Ó Deus, por que é que assim padece este divino Salvador inocente e santo? Padece para pagar as culpas dos homens. E onde se viu um tal exemplo, o Senhor padecer por seus servos? O pastor morrer por suas ovelhas? O Criador sacrificar-se inteiramente por suas criaturas?

Jesus na cruz! Eis o homem das dores, predito por Isaías. Ei-lo nesse lenho infame e cheio de dores tanto 'externas como internas. Exteriormente está dilacerado pelos açoites, pelos espinhos e pelos cravos, o sangue escorre de todas as partes e cada um de seus membros sofre uma dor particular. Interiormente é afligido pela tristeza, está desolado e abandonado por todos e até por seu próprio Pai. Mas o que mais o atormenta entre tantos sofrimentos é a vista horrenda



de todos os pecados que depois de sua morte cometeriam os homens remidos por seu sangue.

Ah, meu Redentor, entre esses ingratos vós então me vós e todos os meus pecados. Portanto eu também muito contribuí para vos afligir na cruz em que morriéis por mim. Oh, antes tivesse eu morrido e não vos tivesse ofendido.

Meu Jesus e minha esperança, a morte me aterroriza, pois então terei de vos dar conta de todas as injúrias que fiz ao amor que me tivestes, mas a vossa morte me anima e me faz esperar o perdão. Eu me arrependo de todo o coração de vos ter desprezado. Se, no passado, não vos amei, eu quero amar-vos no resto de minha vida e quero fazer tudo e tudo sofrer para vos agradar. Ajudai-me meu Redentor, vós que morrestes na cruz por meu amor.

Senhor, vós dissestes que, quando estivésseis suspenso na cruz, atraíeis todos os corações para vós: "E eu, quando for suspenso da terra, atrairei tudo a mim" (Jo 12,32). Vós, morrendo crucificado por nós, arrebatastes tantos corações ao vosso amor, que por vós deixaram tudo, bens, pátria, parentes e até a vida. Ah, arrebatai também o meu pobre coração, que agora, por vossa graça, deseja vos amar, e não mais permitais que eu ame o lodo como o fiz até agora. Ó meu Redentor, pudesse eu ver-me despojado de todo o afeto terreno, para esquecer-me de tudo e lembrar-me só de vós e a vós só amar! E tudo espero da vossa graça. Vós conheceis a minha incapacidade; ajudai-me, vos rogo, pelo amor que vos obrigou a sofrer por mim uma morte tão acerba no monte Calvário. Ó morte de Jesus, ó amor de Jesus, arrebatai todos os meus pensamentos, todos os meus afetos e fazei que de hoje em diante eu não pense nem busque outra coisa que agradar a Jesus. Amabilíssimo Senhor, ouvi-me pelos merecimentos da vossa morte. E vós, também, ó Maria, atendei-me, já que sois a Mãe da misericórdia; rogai a Jesus por mim; vossas súplicas podem tornar-me um santo e isso eu o espero.

JESUS, MORTO NA CRUZ

Cristão, levanta os olhos, e contempla Jesus morto sobre aquele patíbulo com o corpo cheio de chagas que ainda correm sangue. A fé ensina que ele é teu Criador, teu Salvador, a tua vida, teu libertador, aquele que mais te ama que qualquer outro é o único que pode fazer-te feliz. Sim, meu Jesus, eu o creio: vós sois aquele que me amou desde toda a eternidade sem nenhum mérito meu; mesmo prevendo as minhas ingratidões, me destes o ser unicamente por pura bondade. Vos sois o meu Salvador, que me livrastes por vossa morte do inferno tantas vezes merecido. Vós sois a minha vida pela graça que destes, pois sem ela permaneceria morto para sempre. Vós sois o meu Pai e Pai amoroso que me perdoou misericordiosamente tantas injúrias que vos fiz. Vós sois o meu tesouro, que me enriqueceu com tantas luzes e favores em vez de castigos que eu merecia. Vos sois a minha esperança, já que eu não posso esperar bem algum de quem quer que seja fora de vós. Vós sois, portanto, o meu verdadeiro e único am ante: basta dizer que chegastes a

morrer por mim. Vós, em suma, sois o meu Deus, o meu sumo bem, o meu tudo.

Ó homens, ó homens, amemos a Jesus Cristo, amemos um Deus que se sacrificou totalmente por nosso amor. Ele sacrificou as honras e lhe competiam sobre a terra, sacrificou todas as riquezas e as delícias que podia gozar e se contentou com levar uma vida humilde, pobre e atribulada: finalmente, para pagar com seus sofrimentos os nossos pecados, quis sacrificar todo o seu sangue e sua vida, morrendo num mar de dores e de desprezos.

Filho, diz da cruz o Redentor a cada um de nós, filho, que mais poderia eu fazer para ser amado por ti do que morrer por teu amor? Vê se se encontra no mundo quem te haja amado mais do que eu, eu Senhor e Deus. Ama-me, pois, ao menos em reconhecimento do amor que te demonstrei.

Ah, meu Jesus, como é possível não chorar sempre o mal que fiz, desprezando o vosso amor, apesar de saber que os meus pecados vos obrigaram a morrer de dor sobre um patíbulo infame? E como poderei ver-vos pendente desse lenho por meu amor e não vos amar com todas as minhas forças?

Como se explica, porém, Senhor, que vos, tendo morrido por nós todos, para que ninguém mais viva para si mesmo (2 Cor 5,15), e eu tenha vivido unicamente para afligir-vos e desonrar-vos em vez de viver exclusivamente para amar-vos e glorificar-vos? Ah, meu Senhor crucificado, esquecei-vos das amarguras que vos causei, das quais eu me arrependo de todo o meu coração, e atraí-me pela vossa graça inteiramente a vós. Eu não quero mais viver para mim mesmo, mas só agora vós que tanto me tendes amado e mereceis todo o meu amor. Eu me dou todo a vós e todas as coisas que me pertencem, sem reserva. Renuncio a todas as honras e prazeres desta terra e me prontifico a padecer por vosso amor tudo o que vos aprouver. Vós, que me concedeis esta boa vontade, dai-me também a graça de a por em prática. Ó Cordeiro de Deus, sacrificado sobre a cruz, ó vítima de amor, ó Deus amoroso, pudesse eu morrer por vós como morrestes por mim. Ó Mãe de Deus, Maria, obtende-me a graça de sacrificar toda a vida que me resta ao amor do vosso amabilíssimo Filho.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

S.35.1 Cristo Servo de Deus plenamente obediente

§539 Os evangelistas assinalam o sentido salvífico desse acontecimento misterioso. Jesus é o novo Adão, que ficou fiel onde o primeiro sucumbiu à tentação. Jesus cumpre à perfeição a vocação de Israel: contrariamente aos que provocai outrora a Deus durante quarenta anos no deserto, Cristo se revela como o Servo de Deus totalmente obediente à vontade divina. Nisso Jesus é vencedor do Diabo: ele "amarrou o homem forte" para retomar-lhe a presa. A vitória de Jesus sobre o tentador no deserto antecipa a vitória da Paixão, obediência suprema de seu amor filial ao Pai.

§615 Como pela desobediência de um só homem todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos" (Rm 5,19). Por sua obediência até a morte, Jesus realizou a substituição do Servo Sofredor que "oferece sua vida em sacrifício expiatório", "quando carregava o pecado das multidões", "que ele justifica levando sobre si o pecado de muitos". Jesus prestou reparação por nossas faltas e satisfaz o Pai por nossos pecados.

S.35.2 Cristo Servo de todos

§786 O Povo de Deus participa finalmente da função régia de Cristo. Cristo exerce sua realeza atraindo para si todos os homens por sua morte e Ressurreição. Cristo, Rei e Senhor

do universo, se fez servidor de todos, não veio "para ser servido, mas para servir e para dar sua vida em resgate por muitos" (Mt 20,28). Para o cristão, "reinar é servir"; particularmente "nos pobres e nos sofredores, nos quais a Igreja reconhece a imagem de seu Fundador pobre e sofredor". O povo de Deus realiza sua "dignidade régia" vivendo em conformidade com esta vocação de servir com Cristo.

PAPA BENTO XVI -

AUDIÊNCIA GERAL (11 Agosto de 2010)

O Martírio

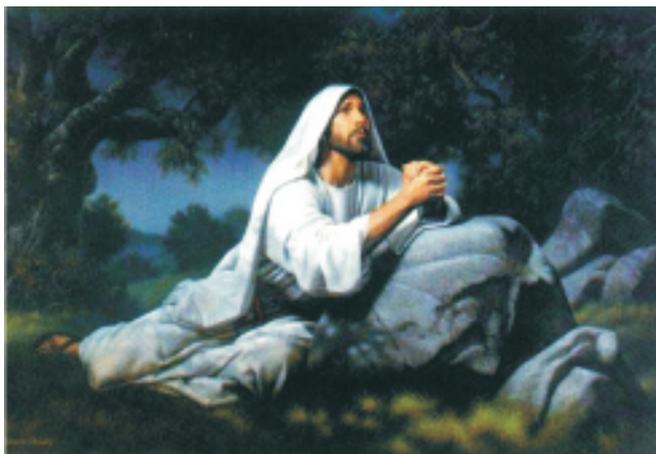
Onde se fundamenta o martírio? A resposta é simples: na morte de Jesus, no seu sacrifício supremo de amor, consumido na Cruz, a fim de que nós pudéssemos ter vida (cf. Jo 10, 10). Cristo é o servo sofredor de que fala o profeta Isaías (cf. Is 52, 13-15), que se entregou a si mesmo em resgate por muitos (cf. Mt 20, 28). Ele exorta os seus discípulos, cada um de nós, a tomar todos os dias a cruz que nos é própria e segui-lo pelo caminho do amor total a Deus Pai e à humanidade: Quem não tomar a sua cruz para me seguir – diz-nos – não é digno de mim. Aquele que procura conservar a vida para si mesmo, perdê-la-á; mas aquele que perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á (Mt 10, 38-39). O próprio Jesus é o grão de trigo que veio de Deus, o grão de trigo divino, que se deixa cair na terra, que se deixa partir, romper na morte e, precisamente através disto, abre-se e desta maneira pode dar fruto na vastidão do mundo. O mártir segue o Senhor até ao fim, aceitando livremente de morrer para a salvação do mundo, numa prova suprema de fé e de amor (cf. Lumen gentium, 42).

Mais uma vez, de onde nasce a força para enfrentar o martírio? Da profunda e íntima união com Cristo, porque o martírio e a vocação ao martírio não constituem o resultado de um esforço humano, mas são a resposta a uma iniciativa e a uma chamada de Deus, são um dom da sua graça, que torna capaz de oferecer a própria vida por amor a Cristo e à Igreja, e assim ao mundo. Quando lemos a vida dos mártires, ficamos admirados com a tranquilidade e a coragem com que eles enfrentaram o sofrimento e a morte: o poder de Deus manifesta-se plenamente na debilidade, na pobreza daquele que se confia a Ele e deposita a sua própria esperança unicamente n'Ele (cf. 2 Cor 12, 9). No entanto, é importante ressaltar o facto de que a graça de Deus não suprime nem sufoca a liberdade daqueles que enfrentam o martírio mas, ao contrário, enriquece-a e exalta-a: o mártir é uma pessoa sumamente livre, livre em relação ao poder e ao mundo; uma pessoa livre, que num único gesto definitivo entrega toda a sua vida a Deus, e num supremo gesto de fé, de esperança e de caridade, abandona-se nas mãos do seu Criador e Redentor; sacrifica a própria vida para ser associado de maneira total ao Sacrifício de Cristo na Cruz. Em síntese, o martírio é um grande gesto de amor, em resposta ao amor imenso de Deus.

Estimados irmãos e irmãs, como eu já dizia na quarta-feira passada, provavelmente nós não somos chamados ao martírio, mas nenhum de nós está excluído da chamada divina à santidade, a viver a medida alta da existência cristã, e isto exige que tomemos todos os dias a cruz sobre nós mesmos. Todos nós, sobretudo no nosso tempo, em que parecem prevalecer o egoísmo e o individualismo, temos o dever de assumir como compromisso primário e fundamental, o de crescer cada dia num amor maior a Deus e aos irmãos, para mudar a nossa vida e assim transformar também a vida do nosso mundo. Por intercessão dos Santos e dos Mártires, peçamos ao Senhor que inflame o nosso coração, para sermos capazes de amar como Ele amou cada um de nós.

MEDITAÇÕES

1) A ORAÇÃO DE JESUS NO GETSÊMANI



“Depois da última Ceia, Jesus e os Apóstolos recitaram os salmos de ação de graças, como era costume. A seguir, a pequena comitiva dirigiu-se a um horto vizinho, chamado das Oliveiras.

...Jesus sente uma enorme necessidade de orar. Detém-se junto de uma pedra e cai abatido.

Jesus dirigiu-se ao Pai com uma oração cheia de confiança e ternura, na qual se entrega totalmente a Ele: *Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice. Não se faça, porém como eu quero, mas como tu queres.* Poucos minutos antes, tinha comunicado aos seus discípulos que se sentia possuído de uma tristeza capaz de lhe causar a morte. Assim sofre Jesus; Ele, que é a própria inocência, carrega sobre si o fardo de todos os pecados dos homens: dos já cometidos, dos que se estavam cometendo naquele momento e dos que se cometeriam até o fim dos tempos.

O Senhor não só se tornou fiador das culpas alheias, mas fez-se uma só coisa conosco, como acontece com a cabeça e o corpo: “Ele quis que as nossas culpas se chamassem suas; por isso não pagou somente com o seu sangue, mas com a vergonha desses pecados”. Todas essas causas de sofrimento eram captadas em toda a sua intensidade pela alma de Cristo.

Contemplamos em silêncio como Jesus sofre: Entrando em agonia, orava mais intensamente, e como chega a derramar suor de sangue. “Jesus, só e triste, sofria e empapava a terra com seu sangue. De joelhos sobre a terra dura, persevera em oração.... Chora por ti... e por mim: esmaga-O o peso dos pecados dos homens”. Mas a sua confiança no Pai não desfalece, e persevera na oração. Quando parece que o corpo não pode resistir mais, vem um anjo confortá-lo. A natureza humana do Senhor mostra-se nesta cena em toda a sua capacidade de sofrimento.

Na nossa vida, pode haver momentos de luta mais intensa, talvez de escuridão e de dor profunda, em que nos custe aceitar a vontade de Deus e sejamos assaltados pela tentação do desalento. A imagem de Cristo no Horto das Oliveiras há de mostrar-nos então o que devemos fazer: abraçar-nos à vontade de Deus, sem lhe estabelecer limites nem condições de tipo algum, e identificar-nos com o querer de Deus por meio de uma oração perseverante”.

2) JESUS MORRE NA CRUZ

“Jesus é pregado na cruz. E a liturgia canta: *Doces cravos, doce árvore onde a Vida começa... !!!*

Toda a vida de Jesus está orientada para este momento supremo. Muito a custo, consegue chegar ofegante e exausto ao cimo

daquela pequena colina chamada “lugar da caveira”. A seguir, estendem-no no chão e começam a pregá-lo no madeiro. Introduzem primeiro os ferros nas mãos, desfibrando-lhe nervos e carne. Depois, é içado até ficar erguido sobre a trave vertical fixada no chão. Por fim, pregam-lhe os pés. Maria, sua Mãe, contempla a cena.

O Senhor está firmemente pregado na Cruz. “Tinha esperado por ela durante muitos anos, e naquele dia cumpria-se o seu desejo de redimir os homens... Aquilo que até Ele tinha sido um instrumento infame e desonroso convertia-se em árvore de vida e escada de glória. Invadia-o uma profunda alegria ao estender os braços sobre a cruz, para que todos soubessem que era assim que teria sempre os braços para os pecadores que d'Ele se aproximassem: abertos.

“Viu – e isso o cumulou de alegria – como a cruz seria amada e adorada, porque Ele iria morrer nela. Viu os mártires que, por seu amor e para defender a verdade, iriam padecer um martírio semelhante ao seu. Viu o amor dos seus amigos, viu as suas lágrimas diante da cruz. Viu o triunfo e a vitória que os cristãos alcançariam com a arma da cruz. Viu os grandes milagres que, pelo sinal da cruz, se iriam realizar em todo o mundo. Viu tantos homens que, com a sua vida, iriam ser santos por terem sabido morrer como Ele e por terem vencido o pecado”. Viu como nós iríamos beijar tantas vezes um crucifixo; viu o nosso recomeçar em tantas ocasiões.

Jesus está suspenso na cruz. Ao seu redor, o espetáculo é desolador: alguns passam e injuriam-no; os príncipes dos sacerdotes, mais ferinos e mordazes, zombam d'Ele; e outros, indiferentes, simplesmente observam o que está acontecendo. Muitos dos presentes o tinham visto abençoar, pregar uma doutrina salvadora e mesmo fazer milagres. Não há censura alguma nos olhos de Jesus; apenas piedade e compaixão.

Oferecem-lhe vinho com mirra. Era costume ter esses gestos de humanidade com os condenados. A bebida – um vinho forte com um pouco de mirra – adormecia e aliviava o sofrimento. O Senhor provou-a por gratidão para com aquele que lhe oferecia, mas não quis tomá-la, para esgotar o cálice da dor.

Por que tanto padecimento?, pergunta-se Santo Agostinho. E responde: “Tudo o que Ele padeceu é o preço do nosso resgate”. Não se contentou com sofrer alguma coisa: quis esgotar o cálice para que compreendêssemos a grandeza do seu amor e a baixeza do pecado; para que fôssemos generosos na entrega, na mortificação, no espírito de serviço.

A crucifixão era a execução mais cruel e afrontosa que a Antiguidade conhecia. Um cidadão romano não podia ser crucificado. A morte sobrevinha depois de uma longa agonia. Às vezes, os verdugos aceleravam o fim do crucificado quebrando-lhes as pernas. Desde os tempos apostólicos até os nossos dias, são muitos os que se negam a aceitar um Deus feito homem que morre num madeiro para salvar-nos: o drama da cruz continua a ser escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Desde sempre existiu a tentação de desvirtuar o sentido da Cruz.

A união íntima de cada cristão com o seu Senhor necessita do conhecimento completo da sua vida, incluído o capítulo da Cruz. Aqui se consuma a nossa Redenção, aqui a dor do mundo encontra o seu sentido, aqui conhecemos um pouco a malícia do pecado e o amor de Deus por cada um dos homens. Não permaneçamos indiferentes diante de um crucifixo.

Já pregaram Jesus ao madeiro. Os verdugos executaram impiedosamente a sentença. O Senhor deixou que o fizessem,

com mansidão infinita.

Não era necessário tanto tormento. Ele podia ter evitado aquelas amarguras, aquelas humilhações, aqueles maus tratos, aquele juízo iníquo, e a vergonha do patíbulo, e os pregos, e a lança... Mas quis sofrer tudo isso por ti e por mim. E nós não havemos de saber corresponder?

É muito possível que nalguma ocasião, a sós com um crucifixo, te venham lágrimas aos olhos. Não te contenhas.... Mas procura que esse pranto acabe num propósito.

Os frutos da cruz não se fizeram esperar. Um dos ladrões, depois de reconhecer os seus pecados, dirige-se a Jesus: *Senhor, lembra-te de mim quanto tiveres entrado no teu reino.* Fala-lhe com a confiança que lhe outorga o fato de ser seu companheiro de suplício. Viu o seu comportamento desde que empreenderam a caminhada para o Calvário: o seu silêncio impressionante; o seu olhar cheio de compaixão sobre a multidão que o cercava; a sua grande majestade no meio de tanto cansaço e dor. As palavras que agora pronuncia não são improvisadas: exprimem o resultado final de um processo que se iniciou no seu íntimo desde o momento em que se encontrou ao lado de Jesus. Não necessitou de nenhum milagre para converter-se em discípulo de Cristo; bastou-lhe contemplar de perto o sofrimento do Senhor, como tantos outros que, ao longo dos tempos, também se converteriam ao meditar nos episódios da Paixão relatados pelos evangelistas.

No meio de tantos insultos, o Senhor escutou emocionado essa voz que o reconhecia como Deus. Deve-lhe ter causado uma grande alegria, depois de tanto sofrimento. Em verdade te digo que hoje mesmo estarás comigo no Paraíso, disse-lhe.

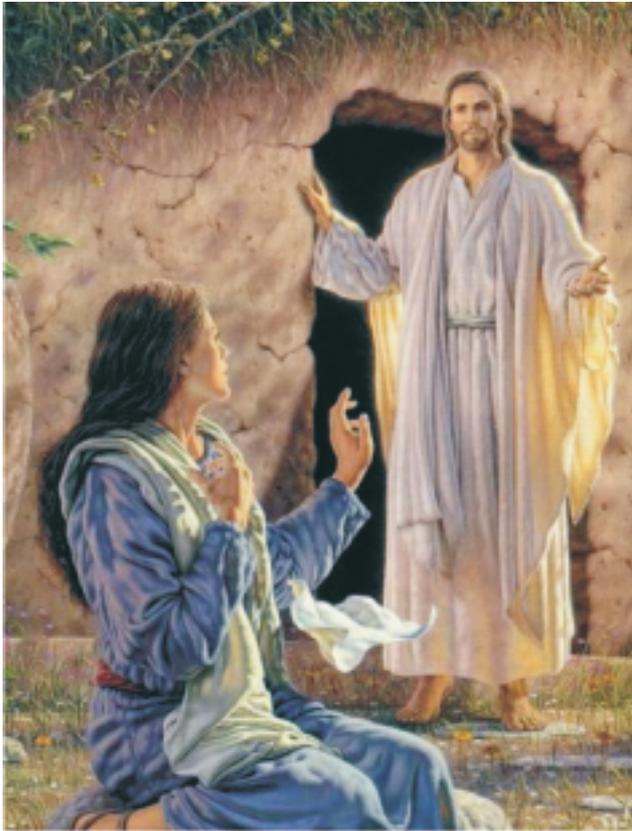
A eficácia da Paixão não tem fim. Vem inundando constantemente o mundo de paz, de graça, de perdão, de felicidade nas almas, de salvação. A Redenção realizada uma vez por Cristo aplica-se a cada homem, com a cooperação da sua liberdade. Cada um de nós pode dizer de verdade: O Filho de Deus amou-me e entregou-se por mim. Não por “nós” de modo genérico, mas por mim, como se eu fosse único.

Jesus Cristo quis submeter-se por amor, com plena consciência, inteira liberdade e coração sensível... Ninguém morreu como Jesus Cristo, porque Ele era a própria Vida. Ninguém expiou o pecado como Ele, porque Ele era a própria Pureza. Nós recebemos agora copiosamente os frutos daquele amor de Jesus na Cruz. Só o nosso não querer pode tornar vã a Paixão de Cristo”.

3) RESSUSCITOU DOS MORTOS

“Ao cair a tarde de Sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram perfumes para irem embalsamar o corpo morto de Jesus. – No outro dia, de manhã cedo, chegaram ao sepulcro, nascido já o sol (Marc XVI, 1 e 2). E entretanto, ficam consternadas, porque não encontram o corpo do Senhor. – Um jovem, coberto de vestes brancas, diz-lhe: Não temais, sei que procurais Jesus Nazareno – não está aqui porque ressuscitou, como tinha anunciado (Mat XXVIII,5). – Ressuscitou! – Jesus ressuscitou. Não está no sepulcro. A vida pôde mais do que a morte”.

A Ressurreição gloriosa do Senhor é a chave para interpretarmos toda a sua vida e o fundamento da nossa fé. Sem essa vitória sobre a morte, diz São Paulo, toda a pregação seria inútil e a nossa fé vazia de conteúdo. Além disso, na Ressurreição de Cristo apóia-se a nossa ressurreição futura. Porque Deus, rico em misericórdia, impelido pelo grande amor com que nos amou,



deu-nos a vida ao mesmo tempo que a Cristo, quando estávamos mortos em consequência dos nossos pecados...Com Ele nos ressuscitou.

A Ressurreição do Senhor é uma realidade central da nossa fé católica, e como tal foi pregada desde os começos do cristianismo. A importância deste milagre é tão grande que os Apóstolos são, antes de mais nada, testemunhas da Ressurreição de Jesus. Este é o núcleo de toda a sua pregação, e isto é o que, depois de vinte séculos, nós anunciamos ao mundo: Cristo vive! A Ressurreição é a prova suprema da divindade de Nosso Senhor.

Depois de ressuscitar pelo seu próprio poder, Jesus glorioso foi visto pelos discípulos, que puderam certificar-se de que era Ele mesmo: puderam falar com Ele, viram-no comer, verificaram as marcas dos pregos e da lança no seu corpo.... Os Apóstolos declaram que Jesus se manifestou com muitas provas, e muitos deles morreram em testemunho dessa verdade.

Que nunca morramos pelo pecado; que seja eterna a nossa ressurreição espiritual.

São Leão Magno diz de uma forma muito bela que Jesus se apressou a ressuscitar porque tinha pressa em consolar sua Mãe e os discípulos: esteve no sepulcro o tempo estritamente necessário para cumprir os três dias profetizados. Ressuscitou ao terceiro dia, mais o mais cedo que pôde, ao amanhecer, quando ainda estava escuro, antecipando o amanhecer com a sua própria luz.

O mundo tinha ficado às escuras. Só a Virgem Maria era um farol no meio de tantas trevas. A Ressurreição é a grande luz para todo o mundo: Eu sou a Luz, tinha dito Jesus; luz para o mundo, para cada época da história, para cada sociedade, para cada homem.

A Ressurreição de Cristo é uma forte chamada ao apostolado, isto é, a que sejamos luz a fim de levarmos a luz aos outros. Para isso devemos estar unidos a Cristo. É o lema que São Paulo dá aos cristãos de Éfeso (Ef 1,10): informar o mundo inteiro com o espírito de Jesus, colocar Cristo na entranha de todas as coisas.

Cristo, com a sua encarnação, com a sua vida de trabalho em Nazaré, com a sua pregação e milagres pelas terras da Judéia e da Galiléia, com a sua morte na Cruz, com a sua Ressurreição, é o centro da Criação, Primogênito e Senhor de toda a criatura. A nossa missão de cristãos é proclamar essa realeza de Cristo, anunciá-la com a nossa palavra e as nossas obras. O Senhor quer os seus em todas as encruzilhadas da terra. Chama alguns ao deserto, para que se desentendam dos avatares da sociedade dos homens e com o seu testemunho recordem aos demais que Deus existe. Confia a outros o ministério sacerdotal. Mas quer a grande maioria dos homens no meio do mundo, nas ocupações terrenas. Estes cristãos devem, pois, levar Cristo a todos os ambientes em que as suas tarefas humanas se desenvolvem: à fábrica, ao laboratório, ao cultivo da terra, à oficina do artesão, às ruas das grandes cidades e aos caminhos de montanha”.

FONTES:

Livro: Falar com Deus (Quaresma, Semana Santa, Páscoa) – Volume 2 - Francisco Fernández Carvajal – Editora Quadrante (5ª edição)

Livro: VIASACRA - Josemaría Escrivá

Livro: Meditações sobre a Paixão de Cristo - Editora Quadrante

Site: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100811_po.html



Informativo:

Instituto de Música Santa Cecília

Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

Fone: (19) 3241-7706
Aulas aos sábados

Edição e Publicação:



Associação Filhos de Jesus e Maria

www.afjm.org.br

Tiragem: 100 exemplares